

LEIDINARA EUFRÁSIO COSTA

**A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Goiânia, 2021

LEIDINARA EUFRÁSIO COSTA

**A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia elaborada como exigência do curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob a orientação do Professora Ma. Patrícia Marcelina Loures.

Goiânia, 2021

LEIDINARA EUFRÁSIO COSTA

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

BANCA EXAMINADORA

AVALIAÇÃO

Orientadora: Prof.^a Ma. Patrícia Marcelina Loures

NOTA

Conteúdo: (até 7,0)

Apresentação oral: (até 3,0)

Examinador: Prof.Ms. Nelson Carneiro Junior

NOTA

Conteúdo: (até 7,0)

Apresentação oral: (até 3,0)

MÉDIA

Goiânia, 2021

Dedico este trabalho a Deus por me reerguer a cada novo amanhecer para lutar pelos meus sonhos e para minha filha, o grande e unico motivo de querer vencer diariamente.

Agradeço a Deus por me guiar e dar forças nos momentos mais difíceis, e me mostrar que sim, ou sou capaz, mediante todas as dificuldades. A minha filha Juliê que sempre me acompanhou nas aulas, mesmo tão cansada e sem reclamar, me colocando para cima e me mostrando diariamente que ela é o motivo da minha luta, quero que ela saiba que somos capazes de chegar ao topo, com muito estudo e dedicação, sem passar por cima de ninguém. Agradeço a minha família que direta e indiretamente torcem por mim e sempre acreditaram da minha capacidade, em especial minha mãe Dinalva e minhas irmãs Leidiane e Nayara, que me incentivaram, e ao Diogo que teve um papel importante nessa longa caminhada, me incentivando e acreditando em mim. Minha orientadora Patrícia Loures que tanto me ajudou e me deu suporte, incentivo, apoio profissional e emocional. E por fim, a mim, que não me deixei abater pelos percalços no caminho, que não baixei a cabeça mediante o cansaço e não permiti jamais que isso me fizesse abandonar os meus objetivos, nem mesmo com pandemia que nos fizeram repensar muitas das nossas escolhas. Me mantive de pé e lutando mesmo com medo, dúvida, ansiedade e preocupação pelo amanhã. E a todos os profissionais da EFPH (PUC) do curso de Pedagogia, por todo o apoio ao longo da realização do meu trabalho, meus agradecimentos.

“A música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e deve fazer parte da educação do povo.”

François Guizot

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo compreender a necessidade da utilização da música em sala de aula. Trata-se da importância da compreensão de corpo, gestos e movimento na Educação Infantil analisada a partir de dados teóricos e documentais. Objetivou-se em trabalhar a compreensão de corpo, gestos e movimento para as crianças, alguns aspectos da história da música no Brasil e sua influência na vida política, social e cultural do país. Os principais autores utilizados foram Souza (2014); Martins (2014) e Procópio (2015). As análises também se basearam no Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil (1998) e na Infância e Crianças em Cena (2014). Conclui-se que é importante trabalhar música na Educação Infantil tanto para a criança quanto para a abordagem pedagógica, porque o conhecimento da dimensão corporal, auxilia a criança a adquirir conhecimento sobre seu corpo, o corpo do outro, como um instrumento na construção de sua identidade e as diversidades que toda nossa sociedade possui.

Palavras-chave: Educação Infantil. Música. Corpo, Gesto e Movimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 - BREVE HISTÓRICO DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO NO BRASIL...10	
1.1 A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA AO LONGO DOS TEMPOS.....	10
CAPÍTULO 2 – IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA A EDUCAÇÃO.....18	
2.1 A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA.....	18
2.2 A2. A LINGUAGEM MUSICAL E OS DOCUMENTOS OFICIAIS	20
CAPÍTULO 3. MÚSICA E ESCOLA.....24	
3.1 A MÚSICA CHEGANDO À ESCOLA.....	24
3.2 POSSIBILIDADES DA MÚSICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	36
3.2.1 A música no primeiro ano de vida.....37	
3.2.2 A música no segundo ano de vida.....38	
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....28	
5. REFERÊNCIAS.....30	

INTRODUÇÃO

Buscamos desenvolver nesta pesquisa, elementos que tratam da importância da música para o desenvolvimento da criança na educação infantil. Nesse sentido, questionamos quais contribuições a música traz para o trabalho com o corpo, gestos e movimentos para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil?

As leituras caminharam no sentido de compreender a importância da linguagem musical para a aprendizagem e o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil. O trabalho objetivou realizar uma pesquisa bibliográfica para eleger os autores que contribuem com a temática; abordar a importância da linguagem musical na Educação Infantil; estudar e refletir a importância da linguagem musical para a aprendizagem e o desenvolvimento integral da criança.

O presente trabalho se justificou pela necessidade de discutir a importância da percepção do corpo, gestos e movimentos na Educação Infantil através da musicalização, tanto por parte da criança quanto, por parte dos profissionais da educação que trabalham com essas crianças, sendo de suma importância compreender a criança em seu desenvolvimento, de perceber o corpo infantil como ativo e pensar no indivíduo de forma integral.

A música é algo que está sempre associada à cultura e às tradições de um povo e de sua época. Ela está presente em todas as culturas e pode ser utilizada como fator determinante nos desenvolvimentos motor, linguístico e afetivo de todos os indivíduos. Quando bem trabalhada desde cedo no contexto escolar das crianças ajuda de maneira lúdica e prazerosa o aprendizado e o trabalho em equipe, pois as crianças aprendem a ser mais sociáveis.

Mesmo que as formas de organização social e o papel da música nas sociedades modernas tenham se transformado, algo de seu caráter ritual é preservado, assim como certa tradição do fazer e ensinar por imitação e “por ouvido”, em que se misturam intuição, conhecimento prático e transmissão oral. Essas questões devem ser consideradas ao se pensar na aprendizagem, pois o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é

importante ponto de partida para o processo de musicalização.
(BRASIL, 1998)

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo.

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente.

Haja vista que se observa que música é um importante instrumento mediador para alcance das aprendizagens significativas no contexto escolar. Por meio desta temática busca-se entender em que medida a música interfere na construção do conhecimento e ainda oferecer caminhos que facilite o processo ensino aprendizagem.

Portanto a utilização da música torna-se relevante porque trabalham conteúdos e conceitos de uma forma lúdica, permitindo a fantasia, momentos esses que as crianças apreciam e gostam fazendo com que a aprendizagem aconteça de uma forma muito mais prazerosa. A presença da música na educação infantil dos alunos é de fundamental importância, pois ela contribui para o enriquecimento do ensino. Sendo assim, imprescindível na formação da criança para que ela ao se tornar adulta atinja sua maioria intelectual e exerça sua criatividade de maneira crítica e livre.

Este estudo foi desenvolvido com base em pesquisas bibliográficas, por meio de artigos, análise de documentos, leitura de livros de alguns autores dos quais contribuem sobre o corpo no processo de ensino-aprendizagem, com o

intuito de conhecer e compreender as contribuições teóricas existentes sobre o corpo na educação infantil. A pesquisa bibliográfica

é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizasse de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (Severino,2000, p. 106).

Diante disso, para a elaboração deste trabalho fez-se algumas leituras e conseguiu-se realizar a elaboração deste. Foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e a pesquisa documental com a finalidade de compreender a temática: “A importância da linguagem musical para a aprendizagem e o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil”.

Para o desenvolvimento da pesquisa buscou-se embasamento teórico nos seguintes autores: Souza (2014); BRASIL (2009); GOIÂNIA (2014); Martins (2014); Propicio (2015).

O trabalho foi organizado em três capítulos:

No capítulo 1, buscamos a compreensão da história da música no Brasil e na escola, como foi o caminho percorrido para chegar onde estamos hoje, quem foram os pioneiros dessa temática que nos auxilia em diversas formas e aspectos, dentro e fora de sala de aula.

No Capítulo 2, abordaremos a funcionalidade, a importância de se trazer a música para o trabalho com as crianças na Educação Infantil, quais os objetivos, quais os resultados mediante essa proposta a partir do professor, e como a música pode ajudar no desenvolvimento desse indivíduo e fazendo assim, que se reconheça como pertencente de uma sociedade pensante e protagonista de suas ações.

E no Capítulo 3, a partir da compreensão ressaltada nos capítulos anteriores, falaremos como a música se consolida nas escolas, a chegada dela como obrigatoriedade a partir da Lei Federal. Traremos de forma precisa

algumas práticas e trabalhos a serem realizados com as crianças especifica de cada idade na Educação Infantil.

CAPÍTULO 1 - BREVE HISTÓRICO DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO NO BRASIL.

A música é um elemento capaz de informar, expor ou explicitar as ações humanas, sua história, existências, angústias e necessidades. (Madeira, 2008).

1.1 A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA AO LONGO DOS TEMPOS

A busca do conhecimento é uma das mais importantes características dos seres humanos, provavelmente a mais importante. Em todas as civilizações, em todas as sociedades, em diferentes épocas ou períodos. A música, como modalidade de conhecimento ou como forma de expressão, tem caracterizado uma presença marcante nesse processo histórico de desenvolvimento do conhecimento e da expressão humana. (MARTINS, 2014, p. 6)

Ao longo dos séculos o pensamento e as práticas em educação musical foram sendo transformadas, a educação musical formal chega ao Brasil com os missionários Jesuítas, além de exercer uma grande influência no conceito de educação no Brasil os seus valores e as suas práticas também influenciaram o ensino de música em nosso país.

Durante dois séculos os Jesuítas utilizaram o ensino de música por meio da prática instrumental e do canto como um forte instrumento de catequização dos índios, esse ensino tinha uma metodologia rigorosa e uma imposição do repertório de instrumentos e da cultura europeia com conteúdo que evoluíam dos mais simples até os mais complexos, e utilizavam muitas repetições, memorizações e averiguações do aprendizado.

O ensino de música nessa época era estritamente vinculado à igreja, e ao trabalho dos Jesuítas, mas essa situação começou a se modificar em 1808 quando a família real portuguesa chega ao Brasil e a música se estende aos teatros, nesse período são criadas as orquestras e bandas, muitos concertos são promovidos a um aumento no número de professores particulares de instrumento especialmente do piano e são fundadas escolas especializadas em música como por exemplo o Conservatório de Música e o Instituto Nacional de música no Rio de Janeiro e o conservatório dramático e musical em São Paulo.

Nas escolas públicas o ensino de música foi instituído oficialmente somente em 1854, e esse ensino deveria ocorrer por meio de dois níveis, noções de música e exercícios de canto, então de forma geral a educação musical no Brasil no final do século 19 apresentava-se da seguinte maneira, o ensino de música era estritamente relacionado ao ensino de instrumento, as escolas especializadas tinham como objetivo principal a profissionalização no instrumento e como procedimento pedagógico, a valorização no desenvolvimento técnico com foco nas pessoas que possuem uma vocação ou dom especial para música, e as práticas musicais nas escolas públicas continuavam a ser norteadas pelo pensamento musical dos séculos passados como aquisição do conhecimento musical pela compreensão intelectual, utilização do repertório da música erudita europeia e o uso de estratégias de repetição e memorização.

Em meados do século XIX, sua presença nos currículos escolares do ensino público aconteceu pelo Decreto Federal nº 331A, de 17 de novembro de 1854. O documento estipulava a presença de “noções de música” e “exercícios de canto” em escolas primárias de 1º e de 2º graus e Normais (Magistério). (SÃO PAULO, 2012, p. 19)

No século 20 algumas novidades contribuíram para dar um novo fôlego à educação musical, o movimento da escola nova influenciou a educação musical, trazendo a ideia de que a arte deveria ser retirada do pedestal que se encontrava e colocada no centro da comunidade, na escola no ensino de música por exemplo, não deveria se restringir apenas a alunos que possuem algum talento ou dom especial a ser acessível a todos,

Contribuindo para a formação integral do ser humano, nesse novo quadro de valores surgiu a chamada, primeira geração de educadores musicais, cada um com filosofias e métodos próprios, mas com o mesmo princípio de que a música para todos e não somente para os talentosos, as principais propostas para a educação musical nessa época podem ser resumidas em quatro pilares, o aprendizado musical deve ser acessível a todos, pois os elementos musicais são comuns a todo ser humano o ensino musical tem de partir da atividade prática e chegar à abstração do conhecimento teórico a valorização do desenvolvimento da percepção auditiva e a utilização do corpo nas atividades musicais.

Somente mais tarde as ideias nacionalistas passaram a influenciar o conservatório principalmente em razão da atuação dos seus principais professores Mário de Andrade. Com Mário de Andrade um sopro novo chegava para a educação musical na década de 1920 este professor defendia no bojo do movimento modernista a função social da música e a importância e o valor do folclore e da música popular, mas sim a identidade brasileira começava a ganhar espaço entre os educadores musicais.

Um dos nomes mais importantes da educação musical brasileira no século 20 é Heitor Villa-Lobos, em suas viagens à Europa Villa-Lobos tinha conhecido os métodos ativos de educação musical e se encantaram com a proposta de Kodály a chama perfeita para as escolas brasileiras devido às suas características como por exemplo uso do material folclórico e popular da própria terra e a ênfase no ensino da música por meio do canto coral o que fazia ser mais democrático acesso a essa arte.

Villa-Lobos que era músico e compositor assumiu a superintendência de educação musical e artística do Distrito Federal, inspirado nessas propostas de uma educação musical ativa instituiu o canto orfeônico, considerado o maior movimento de educação musical de massas já ocorrido no Brasil, com grandes grupos corais entoando canções folclóricas ou nacionalista o canto orfeônico estava alinhado com patriotismo do governo de Getúlio Vargas.

A partir de 1936, a SEMA passou a se chamar Serviço de Educação Musical e Artística do Departamento de Educação Complementar do Distrito Federal. Por meio dele, Villa-Lobos criou o Curso de Orientação e Aperfeiçoamento do Ensino de Música e Canto Orfeônico. Tal iniciativa tinha como objetivo principal formar educadores para que fossem multiplicadores de suas práticas e oferecia curso, aos professores das escolas primárias, de Declamação Rítmica e de Preparação ao ensino do Canto Orfeônico, e de Especializado de Música e Canto Orfeônico e de Prática de Canto Orfeônico, aos professores especializados (SÃO PAULO, 2012, p. 21)

As décadas de 30, 40 e 50 têm sido um período da história da educação musical brasileira bastante estudado. Para além da Era Vargas (1930-1945), várias instituições de música foram fundadas depois de 1945, como o Instituto de Música e Canto Orfeônico de Sergipe, fundado pelo decreto Lei nº 840, de 28 de novembro de 1945, ou a prática do ensino do canto orfeônico nas escolas em Goiás, na década de 50 (SOUZA, 2014, p. 114)

A ditadura de Vargas e O Estado Novo, impõe ao país outro modelo francês, importado e implantado por Villa-Lobos: O orfeão. O carisma do compositor, aliado ao "espírito" cívico-patriótico da época estabeleceu durante mais de uma década um modelo musical para as escolas do país. Esse modelo trouxe profundas repercussões que se prolongaram por quase meio século. Gerou graves implicações políticas, imbricamentos históricos que somente agora, muito recentemente, com o distanciamento necessário, estão sendo reavaliados à luz de um procedimento crítico. (MARTINS, p: 11).

Outro ponto em comum de vários estudos é a preocupação com a presença e a garantia à institucionalização da música na escola. A partir da implementação da LDB 9394/96, o ensino de música na educação básica é bastante impactado com a inserção da arte como disciplina obrigatória. Na época, constatou-se que, no ensino médio, havia poucas escolas que ofereciam música, sendo que a maior proporção era para os cursos de artes plásticas ou desenho. Além disso, se constatava que "os conteúdos dos cursos eram diversificados: não existia nenhum documento que definisse o programa; cada professora fazia o que bem entendesse".

Em 18 de agosto de 2008, Luiz Inácio Lula da Silva, então Presidente da República decreta, por meio da Lei Federal nº 11.769, que a música deverá ser conteúdo obrigatório do componente curricular da Educação Básica, tendo as escolas, públicas ou particulares, três anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas. (SÃO PAULO, 2012, p, 19)

Com a implementação da Lei Federal 11.769, de 18 de agosto de 2008, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica, um grande desafio foi colocado para as escolas. Os sistemas de ensino tiveram três anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas em lei. Até então, a música esteve praticamente ausente da maioria das grades curriculares do ensino básico. (SOUZA. 2014, p 115)

A autora ressalta que desde a implantação da Educação Artística, com a Lei 5692/71, a área de música foi perdendo gradativamente o seu espaço na sala de aula. O trabalho de música nas escolas vinha sendo realizado de uma maneira pouco sistemática, inviabilizando o seu acesso a todos os alunos de uma maneira democrática e inclusiva. A nova legislação abriu a possibilidade

de uma implantação efetiva do ensino de música nas escolas, de uma forma abrangente para crianças e adolescentes (SOUZA, 2014, p.116)

Com a implementação da lei, faz-nos abrir os olhos ao que devemos promover com a música no meio escolar: despertar atitudes gerais para a escuta e o inventar construindo assim uma identidade autônoma mediante esses processos que a música auxilia.

CAPÍTULO 2 – IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA A EDUCAÇÃO

A música tem uma coisa boa: Quando bate você não sente dor.
Bob Marley.

2.1. IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA.

As aulas de música não são apenas divertimento ou uma possibilidade de expressão para crianças, são importantes também para o desenvolvimento cognitivo, o raciocínio linguístico e memória, tudo isso é essencial ao futuro acadêmico de todos.

Na infância a etapa da alfabetização pode ser estimulada com canções infantis, principalmente naquelas em que as sílabas são rimadas e repetitivas, pois ajudam a criança a entender o significado de cada palavra.

De acordo com Propicio (2015) a musicalidade contribui com qualidades marcantes no processo de desenvolvimento infantil tanto como do conhecimento humano, quanto da sua expressividade. Vivenciar, portanto, a música, significa compreendê-la em sua verdadeira essência e representação. Embora alguns elementos como o ritmo, a melodia e a harmonia façam parte de uma produção musical, nada mais se pode ter a certeza de que esses sejam os únicos elementos que devem ser reconhecidos como música.

Percebe-se então, que a musicalidade se liga a vários aspectos da vida, sem limitações apenas à voz ou a instrumentos musicais, mas intimamente relacionada ao dia a dia e em diversificados momentos da vida do ser humano. Tudo isso torna-se real e presente ao se perceber, ou melhor, observar os sons de acontecimentos diários, tanto no choro do bebê, na buzina do carro, na chuva que cai, no vento que se aproxima etc. (Brito, 2003, p. 3)

A autora nos traz que a música, oportuniza ao professor, de Educação Infantil, promover uma constância do processo de desenvolvimento musical infantil, para ela as crianças já possuem bagagem musical, antes de entrar na escola. É preciso observar que, dentro do contexto da Educação Infantil, torna-se possível perceber a existência e a prática musical, podendo ou não ser significativa para o professor e conseqüentemente para as crianças. Sendo

assim, a defesa pela necessidade de ampliar os conhecimentos com a música torna-se valioso (PROCOPIO, 2015, p, 3).

De acordo com Petraglia (2012), muitas atividades compõem o processo de musicalização e talvez as mais importantes sejam: o desenvolvimento vocal, o desenvolvimento rítmico-motor, o desenvolvimento da audição, o aprendizado instrumental, a prática musical conjunta, o processo criativo, a apreciação das manifestações universais da música e sua relação com as diferentes culturas e períodos históricos, a conceituação dos elementos musicais e a leitura musical.

Com base nos estudos de Hannah Arendt, Terahata (2012), afirma que não podemos deixar as crianças entregues aos seus próprios recursos, isto é, temos responsabilidade em ensinar o maior número possível de recursos para que as crianças tenham condições de lidar com o maior número de possibilidades. Isto não significa dizer que “doutrinaremos” os pequenos prevendo situações e simulando reações, mas implica dizer que as crianças, ao experimentarem uma diversidade de situações no âmbito protegido da escola, poderão desenvolver tais recursos. (TERAHATA, 2012, p. 12)

A forma como se utiliza a musicalidade pode ser extremamente diversificada no ambiente escolar, e assim torna-se possível verificar que a prática musical é apenas uma possibilidade dentre várias. Por meio da música expressa-se as ideias e sentimentos, compreende-se valores e significados culturais presentes na sociedade ou no grupo onde ela foi criada. Por meio do movimento e da dança há a interação corporal com a mesma, admirando sua beleza ao escutar com atenção uma obra musical. As emoções são reveladas e transmitidas ao interpretar uma peça tocando um instrumento ou cantando.

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (BRASIL,1998 p.45.).

As diversas áreas do conhecimento podem ser estimuladas com a prática da musicalização. A música é concebida como um universo que

conjuga expressão de sentimentos, ideias, valores culturais e facilita a comunicação do indivíduo consigo mesmo e com o meio em que vive. Ao atender diferentes aspectos do desenvolvimento humano: físico, mental, social, emocional e espiritual, a música pode ser considerada um agente facilitador do processo de ensino aprendizagem educacional.

Terahta (2012), afirma que conhecer o mundo também é saber da necessidade que ele tem do novo, o fazer do educador não poderá ser construído sem respeito ao jovem, que o traz consigo. Daí se reconhecer a necessidade de diálogo, de escuta mútua. Todos devem falar e ouvir, com a liberdade e o espaço que seus papéis demandam e permitem, daí a necessidade de uma educação aberta ao diálogo.

A música é uma atividade complexa, que requer o uso de muitas capacidades, físicas, mentais, sensíveis, emocionais. Mas, a despeito disso, pode ser, também, extremamente simples; por esse motivo, é acessível a todos que queiram dela se acercar, independentemente de faixa etária e grau de conhecimento formal. Mesmo um bebê muito pequeno já se sente atraído pela música e, ao ouvi-la, expressa-se com movimentos e balbucios, aderindo espontaneamente à prática. Por meio da música, a criança desenvolve suas habilidades corporais, perceptivas, sensíveis, que fazem parte da relação que estabelece com a música. (FONTERRADA ,2012, p, 96)

Com base em Bonfim (2012), é necessário ouvir música, cantar, estimular os movimentos corporais naturais, entre outros. Nesse sentido, a improvisação é um aspecto central desse pensamento. Aos poucos, a teorização é introduzida, mas a relação da criança com a música já está estabelecida naturalmente. Desse modo, acreditamos que os elementos musicais apontados podem contribuir com o desenvolvimento no processo ensino e aprendizagem nos mais diferentes aspectos.

O trabalho com o corpo, o uso da voz, a criação musical, a experiência musical a partir de diferentes vivências, são todos elementos trazidos por eminentes educadores que conceberam a educação musical para todos. Tais elementos são perfeitamente aplicáveis nos dias de hoje, desde que devidamente contextualizados para que continuem cumprindo um papel metodológico relevante na formação musical das futuras gerações. (FIGUEIREDO 2012, p, 87)

Os conteúdos relacionados à musicalização deverão ser desenvolvidos nas instituições de educação infantil como conceitos em construção organizados em um processo contínuo e integrado de modo que as crianças desenvolvam, dentre outras, as capacidades de identificar e explorar os elementos da música a fim de que se expressem, interajam e ampliem seus conhecimentos sobre o mundo.

Silva (2012), destaca que diante da riqueza e diversidade da música tradicional da infância, afirma que é inegável a importância de tê-la como substrato principal na educação musical das crianças brasileiras. Cultivá-lo é possibilitar que as crianças aprendam sobre o Brasil e sua diversidade; que conheçam a música brasileira e aprendam a apreciá-la; que preservem essas preciosidades que aos poucos estão se esvaindo.

É preciso trazer à tona uma música viva, alegre, que faça dançar, cantar, brincar e aprender com prazer. É preciso que nos juntemos num batalhão para aprendermos juntos e construirmos também juntos uma educação musical brasileira, que considere as nossas particularidades, que toque e dance a nossa música; que olhe de verdade para as crianças que têm como linguagem o brincar, universal e inerente ao ser humano. Mão na mão, pé na roda, e comecemos a cantar juntos uma única cantiga que se bem cantada poderá ecoar muito longe. (SILVA, 2012, p, 151)

A música deixa feliz quem a pratica, embora não garanta felicidade. Se a atividade de fazer música ocorre num ambiente positivo, instigante e amigável, provavelmente, os praticantes sentirão bem-estar ao tocar, cantar, compor, criar. A música faz parte da cultura de todos os povos. Nas sociedades orais e pequenas comunidades, é parte integrante da vida e todos fazem música sem se preocupar com o fato de terem ou não talento. Nessas culturas, considera-se que tenha propriedades curativas e forças de transformação. (FONTERRADA, 2012, p, 97)

Uma educação musical, que estimule o prazer, para instaurar a presença, possibilitar a participação efetiva e assim, então, estimular a produção de conhecimentos gratificantes em nível geral e, especialmente, pessoal (formação ampla do aluno e não simples transferência de informações

por parte do professor). É esta a natureza de Educação Musical que merece ser trabalhada hoje nas escolas, nos diversos pontos e regiões do País, capaz também de integrar teoria e prática, análise e síntese, tradição e inovação, conferindo à música seu sentido maior, transcendente e inclusivo. (KARTER, 2012, p, 43)

Portanto as atividades com a utilização da musicalidade favorecem a inclusão das crianças. Pelo seu caráter lúdico e de livre expressão, não apresentam pressões nem cobranças de resultados, são uma forma de aliviar e relaxar a criança, auxiliando na desinibição, contribuindo para o envolvimento social, despertando noções de respeito e consideração pelo outro, e abrindo espaço para outras aprendizagens.

2.2. A LINGUAGEM MUSICAL E OS DOCUMENTOS OFICIAIS

Conforme documento da Rede Municipal de Goiânia – Infâncias em cena: por uma política de educação infantil para a rede municipal de Educação de Goiânia dispositivo legal que orienta esta determinação é encontrado na Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008, o que garante legalmente o lugar da música nas Instituições Educacionais. Isso implica que os profissionais devem ampliar e diversificar o repertório cultural das crianças, particularmente em relação à música.

De acordo com este documento, mais do que cantar aquilo que as crianças já ouvem e cantam em casa, é preciso que ela amplie, diversifique e complexifique novas aprendizagens musicais. Novos estilos, novos cantores, novos ritmos e novas experiências sensoriais devem ser oportunizados na ação educativa e pedagógica. Como apontam os estudos:

Granja (2010, p.47) afirma que “[...] a percepção é uma dimensão fundamental do conhecimento humano. É por meio dela que conhecemos o mundo, seus objetos e fenômenos. Mais do que isso, a percepção humana é um processo que traz em si não apenas as manifestações sensoriais, mas também a significação dessas manifestações”. Ou seja, ao possibilitar o trabalho com os diversos elementos da linguagem musical, articulam-se continuamente os processos perceptivos e os momentos de elaboração conceitual,

ultrapassando a dimensão exclusivamente sensorial, aproximando-se, assim, dos processos de cognição. (GOIÂNIA, 2014. p.80).

Nesse sentido, podemos compreender que as experiências advindas da linguagem musical, na Educação Infantil são fundamentais para o desenvolvimento de capacidades mentais, físicas e afetivas da criança. A música é uma linguagem que permeia as diferentes culturas e as crianças estão envolvidas no universo sonoro desde a mais tenra idade.

Assim sendo, pode-se dizer que esse documento legal concebe que as crianças são produtoras de cultura e, por isso, devem aprender a partir das múltiplas linguagens, das brincadeiras e das interações sociais. Segundo o documento as linguagens se inter-relacionam nas brincadeiras e quando a criança vai construir conhecimentos do seu entorno ela elabora suas capacidades linguísticas e cognitivas, ampliando seus conhecimentos. É destacado ainda que a apropriação de distintas linguagens, opera no plano simbólico, e a música como linguagem, proporcionam atividades prazerosas em um movimento contínuo de aprendizagens significativas.

Na linguagem musical, é possível as crianças perceberem que os sons se espalham por meio do ar, que eles podem ser emitidos dos mais variados objetos – além dos próprios instrumentos musicais – assim como por meio da nossa voz e dos aparelhos de som. Para o trabalho com a linguagem musical é necessário que o profissional sensibilize as crianças para diferentes repertórios musicais, o que pode se dar quando ela brinca com a música, imita, reproduz e inventa sons, ritmos e melodias. (GOIÂNIA, p.81)

Outro recurso disponível para o trabalho com a sonoridade é utilizar a voz, o corpo ou outros objetos para ilustrar sonoramente a narrativa, tornando a contação de histórias em uma atividade ainda mais rica e envolvente.

Compreendendo que a música é uma forma de comunicação, a sua apropriação auxilia o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos – aqui entendido não apenas o aspecto cognitivo, mas também os aspectos sociais, éticos, estéticos, culturais e políticos (BRASIL, 2009) – consequentemente ampliando o seu repertório musical e sua possibilidade de

“escuta”, oportunizando às crianças condições de fazer escolhas, de buscar alternativas, além do que lhe é oferecido pela mídia.

Vários conhecimentos acerca dos elementos que compõem a linguagem musical podem ser explorados pelos profissionais, juntamente com as crianças, a fim de elas se apropriarem desta linguagem de forma lúdica e investigativa, nenhuma ampliação e diversificação estética da criança, por meio da linguagem musical, pode se dar sem que os profissionais da Educação Infantil também ampliem e diversifiquem o seu repertório cultural. Cabe aos profissionais vivenciarem e experienciarem novos modos de ser, estar, viver e sentir a música e tudo que ela pode contribuir para a formação de homens e mulheres mais sensíveis, éticos e estéticos.

Percebe-se que por meio da música, o aprender se tornar uma atividade prazerosa e espontânea e mais significativa, pois é uma tarefa que realizam com satisfação, sendo na maioria dos casos encarada com uma brincadeira. Nesse sentido, essa realidade deve ser considerada para que o processo de ensino seja completo, culminando naturalmente na aprendizagem do aluno.

Não há comemoração ou evento significativo na vida individual ou social de qualquer povo do qual a música não tome parte de maneira relevante, instaurando um espaço de integração e transcendência não alcançado nem traduzido por nenhum gesto ou palavra. (KARTER, 2012, p, 42)

Encontramos no Referencial Curricular Nacional de 1998, a importância da música no contexto da educação infantil. Ao longo da história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. A música tem sido em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc., traduzidos em canções. Essas canções costumam ser acompanhadas por gestos corporais, imitados pelas crianças de forma mecânica e estereotipada.

Além do mais, muitas instituições encontram dificuldades para integrar a linguagem musical ao contexto educacional. Constata-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área de Música e nas demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas à criação e à elaboração musical. Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói.

A Música na Educação infantil tem uma soma importante, através dela as crianças conseguem se expressar de forma que não conseguiria por palavras, tem uma grande valia para trabalhar a coordenação motora, o senso rítmico e melódico, o pulso interno, a voz, e o movimento corporal.

É importante ressaltar que, a musicalização na Educação Infantil, proporciona a criança um ângulo reflexivo dos conteúdos e das atividades, contribuindo no desenvolvimento tanto corporal, mental, linguístico e cultural. Por meio das interações que a música proporciona trazendo sempre o lúdico, a fantasia, o faz-de-conta ela oportuniza momentos de exploração do meio à sua volta ampliando conhecimentos e aprendizagem significativa.

Além disso, a música aumenta o poder de concentração e memória, estimula o raciocínio lógico e potencializa o ritmo de aprendizagem de idiomas. Isso é possível porque ela, na qualidade de sequência temporal de sons articulados, se relaciona diretamente com a linguagem.

É semelhante ao discurso não apenas na conexão dos sons, mas também na organização das estruturas concretas. Assim como todos os outros eventos no corpo humano, a música é o resultado de uma interpretação cerebral. Dessa forma, quanto mais rica for a diversidade – agudos, médios e graves, timbres e ritmos, mais estimulado será o cérebro de quem ouvir. Portanto, ampliar o repertório das crianças, expondo as canções com estilos, origens e instrumentos diferentes, é uma excelente forma de exercitar seu cerebral.

A linguagem musical consiste em combinações entre sons e silêncios que adquirem sentido e significado de acordo com os

contextos, as interações estabelecidas, a sensibilidade subjetiva, os saberes, os valores e os demais elementos que compõem dada cultura. A produção na linguagem musical perpassa pela experimentação, percepção, reprodução e criação dos diversos materiais sonoros. (DC-GO, 2018, p. 117)

De acordo com Petraglia (2012) por impressão, podemos entender toda a atividade que vem de fora e age sobre o aluno de forma estruturadora no seu impulso musical natural. Desse modo, quando ensinarmos uma canção, por exemplo, imprimimos sobre o aluno uma dada estrutura de tempos, tons e qualidades vocais. Ao aprender e se exercitar nesta canção, o aluno incorpora “padrões” de diversas ordens. Ele ajusta seu sistema temporal, objetivando-o na relação que estabelece com o grupo.

Partindo de músicas mais simples e progressivamente incorporando estruturas musicais mais complexas, o aluno toma posse da linguagem musical. Este processo de apropriação cultural/social da música a partir de uma referência externa permite que as estruturas relacionais da linguagem musical se incorporem e fiquem disponíveis para outras funções, assim contribuindo para o desenvolvimento geral do indivíduo.

Música diz respeito a um potencial de que todo o ser humano é capaz, desde cedo na vida: faz música, produz sonoridades, faz escutas. E isso independe do material, das técnicas, dos meios usados, pois todos estes são definidos em situação. Desde cedo crianças estão imersas em um universo sonoro e musical, que elas procuram imitar nos seus jogos infantis, exercitando uma cultura lúdica. E, ao fazê-lo vão variando, experimentando, criando, compondo com a voz, com o pedado de capim, com o que tiver ao seu alcance. (SILVA, 2012, p. 40)

A escola deve oportunizar momentos com esse contato de produção humana, onde o aluno passa a criar significados as funções em que são apresentadas de maneira diversificada no contexto em que é produzida. Promovendo assim habilidades físicas e cognitivas.

CAPÍTULO 3. MÚSICA NA ESCOLA

A música exerce um enorme fascínio sobre o ser humano ao longo de toda a sua vida (Parizzi, 2015)

3.1 A MÚSICA CHEGANDO À ESCOLA

Embora tenhamos apontado a importância da música neste estudo é somente a partir da 2008 que vem a ser incluída como obrigatoriedade.

Batista (2015) afirma que, a Educação Musical começa a ser discutida em decorrência da aprovação da lei ¹ que torna obrigatório o ensino de música no currículo da Educação Básica, que abrange: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o intuito de promover um ensino de música de qualidade, dando oportunidade aos educandos de maior aproximação com o universo musical e, aos educadores, possibilidades e abordagens possíveis de serem realizadas no dia a dia da sala de aula. Assim, o autor ressalta que:

Entendendo a importância no que diz respeito à formação e capacitação docente, é necessário criar caminhos, meios para ampliar ainda mais o desenvolvimento musical dos educandos, fornecendo então, “subsídios para que esses profissionais possam concretizar atividades de educação musical fundamentais para o processo de formação cultural, artística, perspectiva e estética, e estética do indivíduo no cotidiano escolar” (QUEIROZ; MARINHO, 2007, p, 72 apud BATISTA, 2015, p.26)

O autor ressalta que “todos nós já brincamos de fazer música, brincamos de cantigas de rodas, parlendas, trava-línguas, acalantos, adedanhas, jogos cantados, improvisados e cantados”.(Batista, 2015, p.27). Desse modo, o aspecto cultural deve estar presente no fazer musical em sala de aula.

As situações cotidianas e memórias podem e devem ser consideradas no trabalho envolvendo a música, pois:

[...] nas formações realizadas presencialmente e/ou à distância, são destacadas a importância de retomar as memórias de infância ou adolescência, com intuito de trazer e fazer música com jogos, vivências

¹ Lei Federal 11.769/Agosto,2008

e brinquedos cantados que muitas vezes estiveram presentes em situações diversificadas de nosso cotidiano. (Batista 2015, p, 28)

Outro destaque que consideramos importante é que, as tradições populares podem guardar elementos ricos para serem explorados em projetos com música na escola.

Utilizar na escola canções de tradição popular e/ou jogos musicais pode contribuir na ampliação do trabalho com música na escola, em sintonia como aprofundamento e a apropriação dos conteúdos, com propostas de educadores musicais brasileiros e estrangeiros com as orientações do MEC. (Batista, 2015, p.35).

Sabemos que as tradições populares já circulam o imaginário popular e acreditamos que o registro formal incluindo elementos didáticos podem ser ricos para o trabalho pedagógico uma vez que propiciará a ampla participação de docentes e discentes no processo. Desse modo, a cultura brasileira posta em evidência, muito contribui com a implementação da música na escola.

Batista (2015), diz que é fundamental que o ensino de música na escola propicie a ampliação do conhecimento musical dos alunos, diante das culturas do Brasil e do mundo, em caráter estético e simbólico, propondo sempre o diálogo com a igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade cultural, no intuito de sensibilizar o aluno, a viver consigo mesmo e em sociedade, respeitando a sua própria cultura, a do outra e do mundo.

A implementação do trabalho com a música na escola coloca em evidência funções significativas do desenvolvimento do educando, contribuindo para seu enriquecimento sociocultural e educacional.

A educação musical escolar deve oferecer aos educandos liberdade para conhecer, compreender e apreciar vários gêneros musicais, ensinando-os a ouvir, sem restrições e preconceito, e proporcionando um desenvolvimento humano completo e sem barreira. (BATISTA, 2015, p. 30)

Conforme Batista (2015), essa liberdade deve ser possibilitada nas escolas, com o envolvimento de professores capacitados e dispostos a lidar com as adversidades e diversidades. Assim, baseando-se no potencial da música como agente transformador para contribuir positivamente para o futuro de seus educandos. Nesse sentido os profissionais de educação, sejam eles

como formação específica em música e/ou pedagogia, devem estar preparados para assumir os diversos processos de ensino da música.

O autor ainda nos traz que o exercício da música na escola deve ser realizado amplamente, refletindo, analisando, experimentando, apreciando, improvisando, compondo, levando sempre em conta conhecimento e a vivência musical prévia dos educandos, considerando, portanto, os usos e consumos musicais como meio de expressão da diversidade cultural.

Conforme Batista (2015), o critério que vem sendo discutido nas recentes pesquisas no campo da Educação Musical aponta para uma ampliação do conhecimento onde o educando possa ter maior aproximação com as diferentes formas do fazer musical enriquecida de ouvir diversos tipos de música, brincar de roda, aprender a cantar e/ou tocar uma música, criar brinquedos rítmicos; são atividades que estimulam, despertam e desenvolvem o gosto pela atividade musical.

O docente necessita de alguma maneira ou modo, em diálogo reflexivo com sua prática em sala de aula estar consciente das diversificadas formas da forma musical, isso deve ser possibilitado por meio de formação continuada e autoformação, visando ao desenvolvimento musical dos educandos de modo que não seja superficial, mas amplo, com o propósito de enriquecer o vocabulário sociocultural e educacional das crianças, jovens e adultos que fazem parte do processo de Educação Musical (BATISTA, 2015, p, 32)

Acreditamos que para que este processo de materialize é essencial processos de formação continuada de professores e como aponta o autor a autoformação é determinante pois, o compromisso do professor com a participação de um projeto coletivo e individual de formação é indispensável.

Santos, 2015 aborda que música não está na escola para desenvolver a concentração, a coordenação motora, ou para fazer os outros aprendizados se tornarem mais fáceis e prazerosos. Música não está na escola para desenvolver a autonomia atitude que compete a todos os componentes curriculares desenvolver.

Qualquer outro componente curricular pode ajudar a canalizar energia, diminuir a agressividade, estimular a iniciativa e ampliar a expressão oral, não

sendo estas, definitivamente, as motivações primeiras para a inserção da música como conteúdo da escola básica, no momento em que se marca a obrigatoriedade desse “ensino”, a partir da Lei nº 11.769, de agosto de 2008, dentro da área de conhecimento “Arte”. (SANTOS, 2015, p, 46)

O autor ressalta que o professor não está na escola para “introduzir o aluno no universo musical”, visto que nele o sujeito está, cotidianamente, e faz suas escolhas, por méritos diversos. O professor não está na escola para “introduzir” o aluno em um universo de referência tomado como metro-padrão (o do professor), criando hierarquia entre diferentes práticas musicais, gêneros e estilos. Ou para museificar determinada manifestação musical que deve ser “conservada”, “preservada”, admirada. (SANTOS, 2015 p. 47)

É sabido que a música, na escola ou fora dela, é instrumental que ativa mecanismos cognitivos e desenvolve os aspectos afetivo e psicomotor. Dessa maneira a escola também marca seu cotidiano com presença da música de modo acessível e compreensível.

Portanto, para Santos, música como parte do projeto pedagógico da escola tem como premissa a singularidade das manifestações culturais e o diálogo entre manifestações musicais diversas. Rompem-se as fronteiras entre unidades programáticas estabelecidas por critério cronológico ou por categorias de música, ou por itens de conteúdos organizados previamente por suposta ordem lógica linear do conhecimento musical. E justifica-se assim uma potência expectativa, que vai a fontes de pesquisas para investigar, ampliar e aprofundar os conhecimentos.

Música na escola precisa apostar na capacidade de sujeitos serem afetados por sonoridades como as coisas funcionam, o que está acontecendo, com o que funciona e produz sentidos. Ser afetado pela qualidade do sonoro é condição para ampliarmos as ideias de música e a capacidade de fazer experimentações e novas escutas. Tudo isso se distingue do mero fato de ser informado sobre músicas e músicos, em uma prática de ensino transmissivo, definicional e proposicional sobre música. É necessário fazer escutas e ampliar escutas. É necessário ser afetado por materiais sonoros, por gestos musicais, pelas formas musicais. (SANTOS, 2015, p, 51)

A corporeidade é inventiva, e pelo agir mostra como a criança narra o Assim é que ela produz um elefante pesado, um menino zangado. Fazendo o

corpo experienciar as ocorrências rítmicas e sonoras, marcando o lugar do tempo no espaço, ou compreendendo a música pela imersão na pista de dança, movimentos vão sendo dirigidos pela escuta, em uma abordagem compreensiva. Santos comenta que, por essas razões, música e movimento estão inerentemente imbricados. Não se trata de uma opção do planejamento do ensino, mas condição de compreensão musical, por mais tímido e limitado que seja esse movimento (SANTOS, 2015, p 58).

O trabalho do pesquisador Câmara Cascudo, registrado em dicionário do folclore brasileiro amplamente conhecido, inclui a referência a jogos cantados, declamados, ritmados ou não, de movimento, além de falar do brinquedo de roda, de cabra-cega, brinquedos em ronda (quase todos cantados), danças populares, jogos e rimas infantis, lenga-lengas. Todos esses podem ou não ter alguma improvisação.

Câmara Cascudo comenta que tais brincadeiras são uma das mais admiráveis constantes sociais, pois, transmitidas oralmente, são abandonadas em cada geração e reerguidas pela seguinte, integrando algum processo de transformação pelos acréscimos de formas regionais (CASCUDO, 1972, p. 188-190).²⁵ Todo professor de jogos precisa ter acesso a essa coletânea cultural, para uso em sala de aula. E continuar coletando, no contato com os alunos. (SANTOS, 2015, p 59).

Fazer música está também no "barulhar" das culturas da infância (LINO, 2010, p. 81-88) - "ato de fazer barulho, de sonorizar sem prévia sistematicidade e determinação" (LINO, 2010, p. 84), de experimentar o mundo e manipular discursividades. Nos jogos de "barulhar" registrados por Lino em um Maternal II, a música das crianças diz de uma ação lúdica, imprevisível, indeterminada e investigativa, impressão e expressão espontânea regida pela necessidade de soar, de brincar com sons, produzindo sentidos e uma escuta caracterizada por heterogeneidade e multiplicidade (LINO, 2010, p. 81).

Lino (2010), retrata sua experiência: as crianças produziram barulhadas na experimentação (gritam dentro do tobogã), nos jogos de escuta (empilham blocos que soam quando caem), nas narrativas sonoras (comentam o cotidiano usando incisos melódicos), nas coerências dos marcos sonoros (imitam a

sirene da polícia), nas canções ou nos espaços de compor-improvisar espontaneamente, inventando músicas .

Lino inclui: A criança barulha porque mobiliza uma pluridimensionalidade de mundos sentidos, tendo na performance a sua forma de expressão mais direta [...]. Na ação de barulhar, a improvisação, o acaso, o encontro e a convivência emergem como molas da ação poética infantil, memória de um corpo passado, presente e um devir de que nem mesmo se tem consciência naquele momento. [...] (SANTOS, 2015, p 61)

[...] a escola é lugar dessas infâncias e culturas infantis produzidas em meio às máquinas, tecnologias e pessoas, misturando gerações de sujeitos. Na música e nas atividades espontâneas da criança existem três formas de jogo: o jogo de exercício (sensório-motor), o jogo imaginativo (simbólico, imitativo) e o jogo de regra (DELALANDE, 1995 apud SANTOS, 2015, p.62)

Entendemos o grande papel de trabalhar os jogos na Educação Infantil, um elemento propulsor de grande valia, para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, se trabalhado da maneira correta. Trabalhando os jogos e as brincadeiras cantadas, faz com que se amplie o pensar da criança.

Conforme Santos (2015), a literatura da área de Educação Musical, com os métodos da chamada "1º geração" (início do século 20), nos coloca ante jogos de completar, jogos de pergunta e resposta musical, jogos de eco e de ostinatos, como na abordagem do alemão Carl Orff; jogos dalcrozianos de movimento a partir da escuta de um estímulo musical (jogos de conscientização do tempo, da métrica, da fraseologia, da retenção súbita do movimento, de mudanças de altura e timbre etc.); e jogos de classificar, na pedagogia do suíço Edgar Willems (parear, ordenar, sequenciar).

De acordo com pesquisas do autor recentes livros de literatura infantil revelam um fabuloso potencial para as produções musicais de crianças. Trazem poemas, estórias, parlendas (cantilena ou lenga-lenga) e trava-línguas, adivinhas (enigmáticas, rimadas ou em quadrinhas). Destaco Poeminhas em língua de brincar, de Manoel de Barros , que defende o poema sobre "a palavra que não quer carregar coisa", "a palavra e seus floreios", "a palavra como brinquedo". (SANTOS, 2015, p 64)

O jogo musical como brincadeira infantil é sempre lugar de desafio, surpresa, decisões e negociações. O jogo imaginativo está na prática de canções e jogos falados que geram gestos rítmicos e sonoros experimentados nos materiais e no corpo.

O autor ressalta que, há um devir música (qualidade) nos jogos de leitura de poemas, fazendo a palavra variar, e "que não faz a palavra cansar" (há regularidade métrica e suspensão do tempo; há jogos de inflexão da voz, em arrancadas verticais do grave ao agudo, sons guturais, nasais, linguodentais).

Há jogos nos usos da voz pelas crianças e nas experimentações vocais de cantadores de todo o mundo, quando falar e cantar têm fronteiras tênues (como ocorre no rap, gênero que se constitui originalmente sob a dupla ênfase rhythm and poetry), valendo a musicalidade da fala, as inflexões melódicas, texturas (melismática, contrapontística), timbres, ritmo, duração, apoios, medidas. Misturam-se instrumentos industrializados, materiais recicláveis, bocas, percussão e sonoridades corporais, leituras de poemas transformados por seu potencial rítmico-sonoro e expressivo das palavras, nas inúmeras leituras experimentadas. (SANTOS, 2015, p. 65)

O autor destaca também que há jogos musicais digitais que não exigem conhecimentos prévios de teoria musical, mas uma atitude de destemor na manipulação sonora, considerando o ciberespaço como espaço de pesquisa e experimentação, construção autônoma de conhecimento musical. (SANTOS, 2015, p. 65)

Há ideias de música na escuta da paisagem sonora, com a sobreposição de jogos rítmicos e sonoros de máquinas e motores em um mundo que soa. Há jogos na música midiática, nas trilhas sonoras de tevê que remetem a um lugar da música, a musicalidades e sua referencialização (SANTOS, 2015, p. 65)

Como podemos observar, por todos os espaços, todos os lugares que formos teremos do mais simples ao mais complexo tipos de sonoridades., tanto dos pássaros, do vento nas folhas e até mesmo da buzina de um carro, e a partir disso cria-se atividades em que a criança se expresse por meio de jogos e se desenvolva integralmente.

A produção contínua de jogos requer do professor disponibilidade para arriscar-se, fazendo e refletindo, dialogando e reconstruindo.

Uma devir música (qualidade, intensidade, fluxo) está esparramado no cotidiano escolar, latente e à espreita de quem queira entrar nesse jogo musical, sendo afetado e afetando as obras, em uma potência de expressão e de vida. Há um devir som-música no exercício silábico da sala de alfabetização e na descoberta e brincadeira com fonemas? pode o som gutural ou a qualidade do fonema explosivo me afetar e arrastar nesse devir som-timbre e me colocar ante tantas outras possibilidades, na escuta do mundo? (SANTOS, 2012c, p. 14). (SANTOS, 2015, p. 14)

Estamos diante das Diretrizes Nacionais para a Operacionalização do ensino de música na educação básica. O Parecer nº 12/2013, do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, aprovado em 4/12/2013, considera o estudo formal (ensino escolar) de música como um direito humano. O legislador justifica sua posição, falando da música como um instrumental que modifica o funcionamento do cérebro (mobiliza inúmeras áreas do cérebro); um modo de interação social e de comunicação de sentimentos e emoções; fator de identidade pessoal e cultural, expressão de cultura, historicidade de um povo e cidadania (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2013, p. 5-7).

Isso se contrapõe ao papel secundário (funcional ou utilitário) atribuído à música pelas escolas, de que já falamos, e que o Parecer assim retrata:

[...] presença reduzida à realização de atividades pontuais, projetos complementares ou extracurriculares, ou destinados a apenas alguns estudantes; relegada a uma ferramenta de apoio ao desenvolvimento de outras disciplinas, utilizada muitas vezes como rituais pedagógicos de rotinização do cotidiano escolar, tais como marcação dos tempos de entrada, saída, recreio, bem como das festas e comemorações do calendário escolar (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2013, p. 5). (SANTOS, 2015, p,66)

Compreende-se que o Parecer e o Projeto de Resolução objetivam apresentar orientações que ajudem os sistemas de ensino a implementarem o que determina a Lei nº 11.769, à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e das Diretrizes Específicas para suas Etapas e Modalidades. O Projeto de Resolução orientará as escolas, as Secretarias de Educação, as instituições formadoras de profissionais e docentes de Música, o

Ministério da Educação e os Conselhos de Educação para a operacionalização do ensino de música na educação básica, conforme definido pela Lei nº 11.769, em suas diversas etapas e modalidades. (SANTOS, 2015, p.66)

O Parecer nº 12/2013 (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2013, p. 5) ratifica a presença de diferentes atores na escola - "musicistas, sábios e mestres tradicionais, técnicos, pedagogos e licenciados em Música"- e defende incorporar a contribuição dos mestres de saberes musicais e outros profissionais "vocacionados" à prática de ensino, isto é, ao quadro de profissionais constituído dos licenciados em Música (CNE, 2013, art. 1º, § 1º, inciso IV).

O parecer frisa a necessidade de adequação dos cursos de formação inicial e continuada de professores, em face das especificidades demandadas pelo ensino de Música. E, no que se refere à formação nos cursos de Pedagogia, que incluam conteúdos relacionados ao ensino de Música para a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Faz considerações sobre tempos e espaços que deverão ser previstos e criados, adequados ao ensino de Música na escola, o que inclui a adequação dos projetos arquitetônicos dos prédios escolares e a dotação de equipamentos musicais diversos (CNE, 2013, p. 6).

Nos termos do Projeto de Resolução, art. 1º, § 1º, compete às escolas:

I - incluir o ensino de música nos seus projetos político-pedagógicos como conteúdo curricular obrigatório, tratado de diferentes modos em seus tempos e espaços educativos;

II - criar ou adequar tempos e espaços para o ensino de música, sem prejuízo das outras linguagens artísticas;

III - realizar atividades musicais para todos os seus estudantes, preferencialmente, com a participação dos demais membros que compõem a comunidade escolar e local;

IV - organizar seus quadros de profissionais da educação com professores licenciados em música, incorporando a contribuição dos mestres

de saberes musicais, bem como de outros profissionais vocacionados à prática de ensino;

V - promover a formação continuada de seus professores no âmbito da jornada de trabalho desses profissionais;

VI - estabelecer parcerias com instituições e organizações formadoras e associativas ligadas à música, visando à ampliação de processos educativos nesta área;

VII - desenvolver projetos e ações como complemento das atividades letivas, alargando o ambiente educativo para além dos dias letivos e da sala de aula. (SANTOS, 2015, p. 67)

Quando se diz que uma política de currículo produz sentidos reconfigurados na sala de aula, e diz de processos de decisão envolvendo instituições, grupos e sujeitos. Campos de forças e de lutas se estabelecem para designar o que pode ser considerado como Educação Musical, como música e seu ensino na escola básica; para dizer que perfil profissional é necessário, quem está legitimado para ministrar o ensino de música na escola; para conservar ou transformar o campo de forças, com agentes e instituições portadoras de autoridade e legitimidade diferenciadas em cada momento histórico. Criam-se artefatos pedagógicos, materiais de apoio, livros do aluno e do professor. (SANTOS, 2015, p. 68)

Portanto, uma política de currículo não remete a pacotes a serem implementados, aplicados. Uma política de currículo implica uma dinâmica circular entre textos legais, instituições, instâncias municipais, estaduais e federal, grupos e sujeitos (SANTOS, 2015, p.68)

Nos dias atuais podemos analisar se o que adentra as instituições de educação é um pacote de currículo ou um currículo que favoreça a criatividade e o protagonismo de professores e alunos.

3.2. POSSIBILIDADES DA MÚSICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao falar da música no desenvolvimento da criança, devemos também ressaltar o trabalho dela em cada fase da vida desse indivíduo. Entendendo assim o que os motiva, o que os chama a atenção e o que os trás

desenvolvimento, tanto para o corpo, gesto e movimento, e entendendo em sua prática cotidiana.

Para Parizzi 2015 a música exerce um enorme fascínio sobre o ser humano ao longo de toda a sua vida. Desde muito cedo, a música já é capaz de atrair a atenção do bebê e de provocar reações motoras e modificações cognitivas importantes na criança (PERETZ; ZATORRE, 2005; PARIZZI, 2011; ILARI, 2006). P 78

3.2.1 A música no primeiro ano de vida:

No primeiro ano de vida, a educação musical alimentará a competência do bebê para se comunicar com o mundo. e assim oportunizar a formação de novas e múltiplas conexões neurais, o que certamente impulsionará o desenvolvimento geral da criança.

Malloch e Trevarthen (2009), ressaltam que mesmo antes dos três meses, os bebês já são capazes de desenvolver protoconversas expressivas com seus pais ou cuidadores por meio de gestos e vocalizações, o que reflete uma predisposição da criança em compartilhar impulsos, interesses, ações e significados com o adulto. Assim,

Essa predisposição para a comunicação, que se manifesta nas vocalizações e na alta sofisticação de movimentos de cabeça, rosto e de membros dos bebês durante seus momentos de interação com os adultos, é uma manifestação da "Musicalidade comunicativa" do bebê: "habilidade inata e universal que se ativa ao nascimento, vital para a comunicação entre as pessoas, que se caracteriza pela capacidade de se combinar o ritmo com o gesto, seja ele motor ou sonoro" (MALLOCH, 1999/2000; MALLOCH; TREVARTHEN, 2009).

Entende-se a importância que o educador musical deve oferecer ao bebê nas experiências musicais expressivas que terão como objetivo "provocar" e "ativar" o desejo da criança de se comunicar com as pessoas, por meio de gestos, sejam eles motores (movimentos de cabeça, membros ou de todo o corpo) ou sonoros, que podem ser vocais (balbucios) ou corporais (palmas, objetos sonoros - ovinhos, chocalhos, tambores etc.) (CARNEIRO; PARIZZI, 2011). P 78

Segundo Parizzi com base em Gordon (2003), aprendemos música no início da vida do mesmo modo como aprendemos a língua materna. Falamos conforme ouvimos: se houver muita diversidade, teremos um vasto repertório para escolha. Próximo aos dois anos, período no qual a criança começa a pensar e a fazer perguntas, se ela tiver sido "nutrida" com um vocabulário pobre e pouco diversificado, ela pensará e falará de maneira restrita e limitada.

Assim, "da mesma maneira, a riqueza e a diversidade do vocabulário musical oferecido pelo adulto ao bebê favorecerão o desenvolvimento de suas competências musicais e será determinante nas etapas posteriores de aprendizagem". (PARIZZI, 2015, p. 79)

3.2.2 A música no segundo ano de vida

No segundo ano de vida, este processo integrará sua progressiva competência para utilizar símbolos, e percebidos nas vocalizações em fala e canto e na manifestação da aquisição da linguagem falada.

Segundo Parizzi, (2015), é interessante observar como as vocalizações da criança se transformam em fala e em canto nesta época da vida. Esses cantos iniciais acontecem em forma de "impulsos sonoros" de curta duração privilegiando as vogais. Há apenas o essencial para que se possa perceber que a criança está cantando e não falando. Essa forma de manifestação da criança se diferencia da fala pela reprodução. Desse modo:

Nesta fase, o educador deve nutrir a criança com grande diversidade de obras musicais e continuar o processo de formação de "memórias musicais", iniciado no primeiro ano de vida. A música "ao vivo", cantada pelo professor, é sempre a mais eficaz e deve ser acompanhada de movimentos expressivos. Audição de músicas gravadas também deve ser "viva", sempre mediada pelo professor, que poderá utilizar lenços, fitas, sempre incentivando a criança a se movimentar pela sala. (PARIZZI, 2015, p. 80)

Concordamos com Parizzi, quando afirma que, instrumentos musicais também devem ser oferecidos à criança de modo que ela mesma possa explorar suas sonoridades de diferentes formas: soprando, batendo ou deslizando as mãos ou as baquetas, raspando, beliscando etc. Tudo isso deve ser feito sem que se segure nas mãos da criança. Ela deve observar o adulto e

imitá-lo. Daí a necessidade de que os gestos do professor sejam sempre muito expressivos.

3.2.3 A música do terceiro ao quinto ano de vida

A partir do terceiro ano de vida, as experiências musicais passam a integrar a competência da criança para utilizar símbolos. O canto espontâneo, uma importante aquisição simbólica que revela como cada criança "pensa" a música, servirá de referência para que o educador musical avalie a compreensão musical de seus alunos

Conforme Parizzi (2015), além do canto espontâneo, o jogo de faz de conta, a linguagem falada e o desenho são também importantes referências para a Educação Musical, principalmente a partir do terceiro ano de vida.

As atividades de performance corporal ou vocal, de audição de obras musicais e de criação devem ser pensadas de modo a estarem conectadas a uma situação lúdica e prazerosa, durante a qual a criança possa se manifestar e exercitar no plano da imaginação sua capacidade de planejar e imaginar conteúdos e regras inerentes ao fenômeno musical. O exercício sistemático de comportamentos musicais já assimilados pela criança será motivo de grande prazer, o que trará contribuições importantes para seu desenvolvimento cognitivo-musical. (PARIZZI, 2015, p. 81)

Ainda concordando com Parizzi, para que o canto espontâneo seja incentivado, é importante que o educador "cante" histórias curtas para a criança, às vezes utilizando brinquedos. Em seguida, será a vez de a criança criar a sua versão, "cantando" a sua história sobre os mesmos animais. É importante que ela tenha ouvido algumas vezes a canção do professor, sempre cantada de maneira expressiva, para que ela tenha um ponto de partida e se sinta motivada a criar sua própria música. A expressividade do professor certamente será imitada pela criança.

Segundo o autor a audição poderá integrar movimentos corporais, provocações e desafios para que os alunos fiquem sempre motivados para este tipo de escuta! "O registro gráfico das experiências musicais vivenciadas pela criança, por meio de garatujas, roteiros ou outras formas livres de grafia"(PARIZZI, 2015, p. 82).

Desde sempre a criança necessita ser mediada pelo professor, pelos pais, por um adulto para se construir em meio a sociedade, e para isso encontramos diversas maneiras para essa construção, tanto social, cultural, motora ou cognitiva, fazemos uso de recursos que estão a nossa disposição, como a música, os jogos as brincadeiras e até mesmo o ato de se comunicar verbalmente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o corpo, gestos e movimentos traz para o desenvolvimento da criança o conhecimento da dimensão corporal, auxilia a criança a adquirir conhecimento sobre seu corpo, o corpo do outro e as diversidades que toda nossa sociedade possui. Possibilita a criança compreender os limites e possibilidades corporais, abrangendo a fala, autonomia, pensamentos, descobertas e aguçando sua curiosidade.

Por meio da música, a criança descobre o mundo e tudo que este mundo tem a oferecer para ela, se tornando uma ferramenta de exploração do mundo

Para o professor, este conhecimento é importante porque corpo é social, possui história, carrega em si uma cultura, é uma construção coletiva, perceber o corpo da criança como expressão de suas vontades, desejos e recusas. Ensinar é dar para criança autonomia para fazer escolhas e ter um aprendizado saudável em relação a sua corporação, trabalhando com formulação da sua identidade e fazendo com que ela tenha um sentimento de pertencimento neste mundo.

A Música na Educação infantil tem uma soma importante através dela as crianças conseguem se expressar de forma que não conseguiria por palavras, tem uma grande valia para trabalhar a coordenação motora, o senso rítmico e melódico, o pulso interno, a voz, o movimento corporal.

Além de desenvolver as relações musicais e interpessoais em sala de aula, cada aluno trabalha coletivamente. Considerando as atividades desenvolvidas, constatamos que o trabalho com a música significa um uma experiencia de constante autossuperação, que se inicia nos desafios musicais e rapidamente se expande para questões de formação do indivíduo.

Portanto, a música com direito de todas as crianças na fase inicial de sua aprendizagem, proporciona por igual a possibilidade de aprender, ou seja, sem privilegiar algum ou o outro, a mesma vem contribuir com todos sem que apresente indiferença no desenvolvimnento de seu pontencial.

Contudo a linguagem musical no processo de ensino apresenta-se como

instrumental metodológico e pedagógico é de significativa importância, pois além das vantagens já colocadas, traz a sua natureza e caráter, a interdisciplinaridade com a qual se dinamiza todo o processo de ensino-aprendizagem. As instituições escolares devem incentivar a interdisciplinaridade e variar as possibilidades de aprendizagem significativa com a linguagem musical.

Por fim, este trabalho aponta a necessidade de desenvolver estratégias que estimulem e preparem os alunos de maneira que a música na escola se constitua mais plenamente como um espaço de expressão artística do aluno.

5. REFERÊNCIAS

BOMFIM, Camila Carrascoza. **Pensadores do início do século XX: breve panorama.** p.82-84. . In: JORDÃO, Gisele; MOLINA, Sérgio; TEHAHATA, Adriana Miritello. A música na escola. Allucci & Associados comunicações. São Paulo. 2012

BRASIL, **Emenda Constitucional Nº 59, DE 11 de novembro de 2009**)disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm. Acesso em abril de 2021

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto**, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. **A educação musical do século XX:os métodos tradicionais.**p.85-87. In: JORDÃO, Gisele; MOLINA, Sérgio; TEHAHATA, Adriana Miritello. A música na escola. Allucci & Associados comunicações. São Paulo. 2012

FONTEERRADA, MarisaTrench de O. **Educação musical: propostas criativas.** p. 96-100. In: JORDÃO, Gisele; MOLINA, Sérgio; TEHAHATA, Adriana Miritello. A música na escola. Allucci & Associados comunicações. São Paulo. 2012

GOIÂNIA. **Infâncias e Crianças em Cena:** por uma política de educação infantil para a rede municipal de Educação de Goiânia. Goiânia: SME, 2014

JORDÃO, Gisele; MOLINA, Sérgio; TEHAHATA, Adriana Miritello. **A música na escola.** .ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES. São Paulo. 2012

KARTER,Carlos .“Por que Música na Escola?”: algumas reflexões.p.42-45. In: JORDÃO, Gisele; MOLINA, Sérgio; TEHAHATA, Adriana Miritello. A música na escola. Allucci & Associados comunicações. São Paulo. 2012

MARTINS, Raimundo. **Educação Musical:** Uma Síntese Histórica Como Preâmbulo Para Uma Ideia de Educação Musical no Brasil do Século XX, 2014.

PETRAGLIA, Marcelo S. Educação musical: da impressão à expressão. p.54-66. In: JORDÃO, Gisele; MOLINA, Sérgio; TEHAHATA, Adriana Miritello. A música na escola. Allucci & Associados comunicações. São Paulo. 2012

PROCOPIO, Aliny. A Importância da Musicalidade na Educação Infantil – **revista científica eletrônica da pedagogia-ISSN: Número 25** – julho de 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Lucilene. **Cultura da infância, música tradicional da infância**.p.146-151. In: JORDÃO, Gisele; MOLINA, Sérgio; TEHAHATA, Adriana Miritello. A música na escola. Allucci & Associados comunicações. São Paulo. 2012

SOUZA, Jusamara. **Sobre as Várias Histórias da Educação Musical no Brasil**. Rio Grande do Sul, 2014

TEHAHATA, Adriana Miritello. **Música na escola:uma experiência de (com) fiar**. p.12-13. In: JORDÃO, Gisele; MOLINA, Sérgio; TEHAHATA, Adriana Miritello. A música na escola. Allucci & Associados comunicações. São Paulo. 2012